

112
Anno 10º - Num. III | Vol. II - Num. 3

REVISTA ESCOLAR

DO
Instituto de Humanidades

DIRECTOR

Joaquim da Costa Nogueira

CEARÁ — MARÇO — 1914

SUMMARIO

DIDACTICA:

PATRIA E CIVISMO—*A. Drummond*; IDIOMA RUSTICO—*Julio C. Monteiro*; UM DICCIONARIO DE NOVO GENERO—*J. B. Perdigão de Oliveira*; O APOSTROPHO EM ACÇÃO—*Dr. da Roça*; HISTORIA UNIVERSAL—*Dr. Raymundo F. Ribeiro*.

VIDA ESCOLAR:

LITTERATURA INFANTIL: ESPIRITO SANTO... DE ORELHA—*J. Nogueira*; PHRASES LITERARIAS—*Livio' Bellart*; COUSAS HISTORICAS—*Andrade Furtado*; MINHA FILHA—*Od. Castello Branco*; ESTADOS DO BRASIL, HISTORIA DO BRASIL, LIÇÕES PROGRESSIVAS DE DESENHO, PROBLEMAS E SOLUÇÕES, CHRONOLOGIA—*Profesores e alumnos*.

NOTAS DIVERSAS:

UM ATTESTADO HONROSO, BRINDE, CORRESPONDENCIA, ERRATA IMPRESCINDIVEL—*Redacção*.

Sunt sua proemia laudi

Ceara' — Fortaleza

♦♦♦ *Typ. Escolar* ♦♦♦

RUA SENNA MADUREIRA—N. 131A

1914

Revista Escolar

Publicação mensal do
Instituto de Humanidades

Impressa na TYP. ESCOLAR

DIRECTOR:—JOAQUIM DA COSTA NOGUEIRA
REDACTORES: Os professores (Lições didacticas, Pedagogia,
etc.) COLLABORADORES: Os alumnos (composições, descripções,
invenções, jogos de espirito, etc.).

Assignaturas

POR UM ANNO 6\$000
NUMERO AVULSO \$500

Pagamento adiantado

Em qualquer tempo que se tomem assignaturas serão entregues
os numeros atrazados

Cada um que enviar á redacção da Revista Escolar uma lista de 5 assignatu-
ras com a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director do

INSTITUTO DE HUMANIDADES

CEARA'—FORTALEZA

Rua Senna Madureira, 113-A

Publicações do Instituto

Á VENDA NA TYP. ESCOLAR

Anno Escolar 1908 2\$000

Anno Escolar 1910 3\$000

Lições Progressivas de 1^{as} Letras 1\$000

Collecções da Revista Escolar:

1906, 1908, 1910, 1911, 1912 e 1913, cada
uma, brochada

6\$000

REVISTA ESCOLAR

DO

Instituto de Humanidades

DIRECTOR—Joaquim da Costa Nogueira

ANNO X

Fortaleza, Março de 1914

VOL. XI

Num. 112

Num. 3

PATRIA E CIVISMO

Qualquer que seja a norteação philosophica ou a crença religiosa do homem; qualquer que seja a esphera social aonde paire o individuo, deve olhar carinhosa e entusiasticamente para a sua patria.

Patria não é a simples situação territorial de um continente; não é o pavilhão muticolor de um povo; não é o distinctivo heraldico de um paiz: é a nesga de terra de céu azul ou anuviado de luz radiante ou morticha em que damos os primeiros vagidos, em que fitamos os primeiros olhares.

Patria não é synonymo de nacionalidade—aggregado de habitantes de uma determinada porção geographica—patria é o pedaço do mundo aonde concentramos todas as nossas energias vitaes: seja um territorio da vastidão da China ou tenha a minguada superficie do Monaco; tenha a belleza das lagunas do Adriatico ou tenha a arenosidade dos terrenos safaros do Grande Deserto; tenha a população da Russia ou a cifra censitaria da Groenlandia; tenha a evolução intellectual da Allemanha e da França ou a inferioridade dos antigos thebanos; tenha o fulgor artistico da Italia ou o poderio industrial dos yankees—possue indistinctamente, para os seus filhos, os mesmos encantos e as mesmas attracções.

Ha em prosa louçã um hymno patriotico—que é o *Porque me ufano do meu paiz*— de AFFONSO CELSO—verdadeira rhapsodia de nossas grandezas e de nossa hegemonia. Nesse livro pequeno no formato e desmesurado nas idéas os filhos do Brazil—encontram conforto para os seus desanimos e incentivo para os seus empreendimentos.

O cosmopolitismo é a renegação da nacionalidade, é a manifestação exuberante de desdenhamento ao torrão em que fomos nados.

A exclamação do anachoreta de Athenas de que *sua patria é toda terra*, é um tropo insignificavel, é o desalentado phrasear de um forasteiro ambicioso, é o exprimir apropriado de algum meteco.

Não se adquire pela gleba estranha nem mesmo pelo vinculo matrimonial ou pelos triumphos obtidos na vida publica, o devotamento que se tributa á mãe patria.

Os dois directores do *Apostolado positivista do Brasil* são de um radicalismo de opinião que—omente os *sympathicos*, os *proselytos* e os *orthodoxos* ao positivismo aceitam seus pensares—não se pode, porém, confutar—qualquer que seja o ponto de vista philosophico—estes acertados raciocinios:

«Com effeito, é *fatal* que todo homem ame a patria de seus paes e procure tudo sacrificar para o seu engrandecimento. O amor da patria, nesses casos, é o prolongamento do amor materno, e é por isso que Augusto Comte propõe que se mude no futuro a denominação de patria por matria.

«Em segundo lugar é *fatal* que o homem ame a cidade em que nasceu, onde viveu, e onde seus paes foram acolhidos, quer a tivessem procurado fugindo á miseria, quer perseguidos pelas vicissitudes politicas, etc.

«Mas, neste segundo caso, como o coração se *divide fatalmente* entre o amor da cidade de nossos paes, e o amor da cidade em que nascemos, o homem torna-se principalmente o cidadão da patria que seus paes lhe tiverem ensinado a preferir. Nos nossos tempos de egoismo, essa preferencia em naturezas mediocres e viciosamente educadas póde conduzir até ao *desprezo* pela cidade hospitaleira. E' isto o que demonstra a observação commum». — *Bolétim do Apostolado* n. 112—dezembro de 1890.

E' deshumano, é anti-social suppôr absolutividade na maxima *hospes hostis*. Se não devemos ver no estrangeiro um inimigo commum, tambem não devemos acreditar que o alienigena abdique pela patria adoptada os ideaes da patria nativa.

Garibaldi, argumentam *Miguel Lemos e Teixeira Mendes*, esteve ao serviço do Brasil, da França e do Uruguay, sempre cioso dos seus direitos de cidadão italiano.

O cantor das *Trovas do Norte*—num soneto—*Patria*—responde de um modo bellissimo—á divisa cosmopolita—*Onde se está bem, ahí é a patria*.

Os quartettos e tercettos de Antonio Salles deviam ser recitados nos cursos infantis, porque falam mais emotivamente á alma das crianças do que esses canticos ensurdecadores e offensivos á metrica, tão apreciados pelos nossos pedagogos:

"PATRIA"

(Resposta ao *Ubi bene, ubi patria*)

Não, a patria não é onde mais grata é a vida,
Mas a estancia natal, do plaino ou da montanha,
Onde á luz descerraste a palpebra adormida
Na sombra e tepidez da maternal entranha.

E' a terra onde vão ter descanso á humana lida
Esses cuja memoria é luz que te acompanha
E onde falaste a lingua, a primeira aprendida,
Ante a qual qualquer outra é dissonante e extranha.

Terras, certo, haverá de mais poder e gloria,
De mais resplandescente e mais antiga historia,
Mais fecundas na paz ou mais fortes na guerra.

Que te importa? Assim como á mais alta rainha
Preferes tua mãe, doce e simples velhinha,
Ao mais nobre paiz—prefere tua terra!

ANTONIO SALLES»

Não ha religião mais sacrosanta do que a da patria. O civismo é o culto pela patria.

Conhecendo os feitos dos nossos antepassados, esmerilhando a genese dos nossos acontecimentos historicos, dilucidando as phases de nossa desenvolução politica—é que podemos saber qual o nosso papel no mappa das nações.

A invejavel posição attingida pelos Estados Unidos não resulta do esforço dos seus milhardarios, do progresso de suas industrias e da formação de seus *trusts*: promana da excellente educação civica dos seus concidadãos.

O civismo, além de instruir-nos relativamente á historia nacional, tem a inegualavel vantagem de evitar que sofram os aviltamento de nossas garantias individuaes.

O grosso da communhão brasileira ignora quaes os direitos outorgados e quaes os deveres impostos na magna carta de nossas liberdades publicas.

Se os nossos compatricios, antes de solucionarem problemas mathematicos e linguisticos, procurassem haurir lições em os nossos catecismos constitucionaes, o despotismo e a violencia emanados dos detentores do poder—não alçariam á proporção que estamos presenciando.

Ao lado do seu manual de primeira leitura o americano, o

inglês, o suíço, recebe instrucções sobre o civismo—instrucções capazes de o tornar ainda escolar—um estrenuo defensor de seus brios pessoais, real comprehendedor das prerogativas asseguradas pela sua constituição.

Para honra do nosso intellectualismo—estadistas, pedagogistas e pedagogos—nos ultimos tempos se têm convencido da necessidade de incluir o civismo entre as materias componentes dos programmás escolares.

Quanto alto personagem na politica e na administração não finge saber (muitos se referem aos artigos e paragraphos da constituição—por ouvir dizer á semelhança das creanças a quem as mães catholicas ensinam papagaiadamente os rudimentos da doutrina cristã) ou não nos dá o attestado de sua verberavel ignorancia dos pontos cardinaes da constituição de 24 de fevereiro; quanto elevado burocrata não se engasgaria se tivesse de responder ás perguntas da *Leitura civica* de VIRGILIO CARDOSO ou do *Catecismo constitucional* de BORGES CARNEIRO.

Paiz de formação nova como é o Brasil, consequencia do fusonamento dos tres elementos raciaes oppostos, fragmentado em sua legislação—é bem difficultoso o ensinamento dos nossos factores historicos; entretanto basta cada mestre-escola dar aos seus discipulos noções perfunctorias sobre o nosso estatuto fundamental para que os homens do futuro não venham a patentear lastimavel, peccaminosa e vergonhosa ignorancia de nossas instituições civicas.

Obra de nacionalização—obra de patriotismo, obra de premente necessidade para os dias vindouros do Brasil—é a da cultura civica.

O civismo injecta em o coração da mocidade o amor da patria. Sem a philopatria não ha amor á familia e quem não ama a familia não pode amar a si proprio.

Itapipóca.

Antonio Drummond

VINHETA

Lembrêmo-nos de que a »mentira» vem sempre acompanhada de uma legião de outras e que, nem mesmo assim, com tão numerosa companhia, se poderá sustentar por um instante em face de um sol rutilo e brilhante que se chama a «verdade»!—GERMANO GARATUJA.

IDIOMA RUSTICO

Outras fórmulas dialectaes cearenses

(Continuação)

Há, também, os prolóquios em verso ou rimados, chamados ordinariamente *rifões*, terminando muitos d'elles em rimas *toantes* ou *assoantes*—pela conformidade de som somente na ultima vogal predominante dos versos, sendo differentes as consoantes:

Promette mundos e fundos.

Compra Maria, da bolsa vazia.

Comprar a enforcados e vender a namorados.

Ri-se o sujo do mal lavado e o rôto do esfarrapado.

Da, dói, pedir *encôi* (por *encolhe*).

Atirou no que viu, matou o que não viu...

Quem o alheio veste na praça o despe.

Quem se veste de ruim panno, veste-se duas vezes no anno.

Conselho e rapé, ou: Conselho e café só os toma quem quer...

Quem come do meu pirão, leva do meu cinturão.

Uns têm dita e outros... (completam si o quizerem).

Aleluia, aleluia, carne no prato farinha na cuia.

Já deu mei' dia, panella no fogo, tarriga vazia.

Rente como batente.

Boni t-ô tó, macachêira, mocôtó.

Você viu o bóla? vontade também consola...

Santa Barbara, São Jirôme, não metta a mão no mocó do home...

Quem vai ao vento, perde o asento...

Barriga cheia, coração contente, pé dormente.

Mão fria, coração quente, amor para sempre.

Quem bem está e melhor escolhe, do mal que lhe vier não se anôje.

Quem quer mais do que lhe convêm, perde o que quer e o que tem.

Dinheiros de sacristão, cantando vêm, cantando vão...

O que é do home! o bicho não

come!

Não sei o que faça: si case ou si assente praça!

Quem canta, seus males espanta.

Quem chora, seus males deplora.

Com paciencia e perseverança tudo se vence e se alcança.

Quem corre, cança; quem anda, alcança.

Pé de porco é mocôtó; a alegria do pobre é um dia só.

Ou dente ou queixo, ou lingua ou beijo.

Ou comer ou verter... (Ou bem uma cousa ou bem outra).

Ou vai ou quebra ou o diabo leva.

Quem primeiro anda primeiro manja.

Quem me quer bem diz-me o que sabe, dá-me o que tem.

Quem dá o que tem, a pedir vem...

Fuço de tal de Mendonça, pé de porco mão de onça.

Vamos ver por quem Deus é: si é pelos home', si é pelas muiè...

Casa alheia, brasa no seio.

Fiado... nem ao meu cunhado.

Matapasto florado, inverno acabado. (Esta fórmula é popular, mas em prosa). O matapasto florou, o inverno se acabou.

Parentes são os dentes.

Arca aberta, justo pecca.

A occasião é que faz o ladrão.

Filho de gato mata rato.

A quem Deus promete um milhão, não dá um tostão.

Antes que cases vê o que fazes...

O casamento e a mortalha no céu se talha.

O gallo *aonde* canta, ahí janta.

Casa de Gonçalo, onde a gallinha canta mais que o gallo...

Quem tem filhos tem cadilhos...

Guarda o que comer e não o que fazer.

Bôa romaria faz quem em sua casa está em paz.

A bóda e a baptisado não vás sem

ser convidado.

Falar no mau, preparar o pau.

Andar por Séca e Méca...

Ou ate ou desate!

Onde andou que não se arranhou?
(Por onde).

Viuva rica, casada fica.

Quem tudo quer saber, mexerico quer fazer...

Ovelha que berra é bocado que perde.

Vintem poupado, vintem ganhado (ganho).

Não peças a quem pediu; não sirvas a quem serviu.

Amigos, amigos em tempo de figos.

O homem é fogo, a mulher estôpa, vem o diabo e assopra.

O homem fala, a mulher escuta, vem o diabo e executa.

P'ra que tanta lida p'ra tão curta vida.

Assim como carne da pá: nem boa nem má.

Bom cobrador, mau pagador.

Marido, ou nunca o ter ou nunca o perder!

O mal entra ás braçadas e sae ás polegadas...

Sí há de sí dar ao rato, dê-se ao gato...

Entre um quente e dois fervente.

Encommenda sem dinheiro fica no tinteiro...

Quem guarda com fome, vem o gato e come...

O homem põe e Deus dispõe.

De pequenino é que se torce o pepino.

De hora em hora Deus melhora...

Queres conhecer o vilão? mette-lhe o cargo na mão.

O vilão morde a mão que o afaga e beija o pé que o esmaga.

Cumprê o teu dever, aconteça o que acontecer.

Quem mata um ladrão tem cem annos de perdão.

Pai rico, filho nobre, neto pobre.

Os filhos das minhas filhas meus netos são; os dos meus filhos ou o serão ou não!

Rei morto, rei pôsto!

Para flato ovos de pato.

Por bem fazer, mal haver.

Mulher feia e doente, mulher para sempre.

Feliz da porta por onde sai uma mulher morta... (Perdoem vós cênias).

Bocado comido, logrado, esquecido...

Sua alma, sua palma.

E' lido e corrido. (—Lido não sou, dizia um sujeito, mas corrido já fui da casa do meu sogro tres vezes...)

Prompto e arreiado, só lhe faltam os cadeado'.

Primeiro a obrigação, depois a devoção.

As três o diabo fez ou—as três o diabo as fez.

Quem casa precisa ter casa...

Por causa de peso e medida há muita alma perdida.

De madastra só o nome abasta...

Quem não pode com a carga, larga...

Do perdido perder-se-lhe o sentido...

Quanto mais rico mais ridi'co (ridículo)

Fazer bem, não cates a quem.

O porco ruivo do que usa disso cuida.

Quem vae á festa três dias não presta.

Léu, léu, nunca mais festa no céu...

Vêr de perto p'ra contar de certo.

Brigam os compadres e se descobrem as comadres.

Quem conta um conto acrescenta um ponto.

O mentir vai do pouco vêr e do pouco ouvir.

A ambição virou carvão.

Matheus... primeiro os teus.

Ver para crer.

E' sem fé como S. Thomé...

E' melhor prevenir do que punir.

Quem compra sem poder, vende sem querer.

Quem compra e mente sua boca o sente...

Muito custa um pobre a viver e um rico a morrer.

Melhor uma bôa morte do que uma ruim sorte.

Duro com duro não faz bom muro.

E' um lhé h lhé.

E' lé com lé, cré com cré.

Agua molle em pedra dura tanto bate até que fura.

Por causa de um vintem eu gasto cem.

Do prato á bôca entorna-se a sôpa.
Quem longe vai casar, ou quer ser enganado ou quer enganar.

Quem tem sangue faz chouriço, quem não tem deixa-se d'isso.

Mais vale ser e não parecer do que parecer e não ser.

Quem tem capa, escapa.

Ande eu quente, ria-se a gente.

Camocim

E' de uma raça que do um lado queima e do outro assa.

Escreva quem quizer e leia quem souber...

Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

Cria bôa fama e deita-te na cama.

Quem come tudo num dia, no outro assebia.

Serviço de menino é pouco e quem o desperdiça é louco.

JULIO C. MONTEIRO.

Um diccionario de novo genero

O meu illustre Professor e bom amigo Dr. Theophilo Rufino Bizerra de Menezes, de mui grata recordação, contou-nos, a nós seus discipulos de Philosophia, que, quando academico de Direito, morava em uma *republica* de estudantes entre os quaes havia um moço de bonitas feições, cujo nome mencionou, mas que agora não me acode á memoria,—pelo que aqui o chamarei o *Soiza*, pois *Soiza* era elle realmente no proceder e na intelligencia...

Raro era o dia em que o *Soiza* não dêsse uma *syllabada* de fazer arrepiar a pelle, provocando as mais estrepitosas gargalhadas!

Resolveram, então, todos os seus companheiros de casa organizar um *Diccionario* de todas as palavras erradas por elle pronunciadas, o que serhes-ia facilima tarefa, porque o *Soiza* além do mais era de uma tagarellice sem nome.

Dentro de poucos dias estava a portentosa obra que havia de lhe dar *renome*, quasi a concluir-se; faltava apenas uma palavra da letra —C—, pois, quanto ás outras era já abundante o material.

—Será possivel que o *Diccionario* não se complete, á falta de uma letra? Disse o companheiro, um tanto impaciente.

—E' questão de dias, respondeu um outro; esperemos um pouco,—o *Soiza* é fertil...

Uma noute, o pessoal da *republica* achava-se em casa, á costumada hora da ceia, menos o *Soiza*, que ficára retardatario e cuja falta foi logo notada.

—O gallo onde canta!... gritou um *republico*.

—Ahi é que ceia!... Responderam, tambem em gritos, todos os outros.

—Vamos, pois, á ceia, nós todos que aqui estamos cantando—, o *Soiza* que vá cantando lá fóra!

Dito e teito!

Em pouco espaço de tempo, o *Soiza* ficou completamente desprovido, e ouviu-se, então, uma voz a dizer:

— *Campus ubi Troja fuit! Ubi caena fuit!* E' a verdadeira palavra, corrigiu uma outra voz.

Terminada a ceia, foram todos para os seus aposentos, velas apagadas, fingindo que já se achavam dormindo.

Não tardou muito em chegar o *Soiza*, que ficou espantado ao ver a casa ás escuras. Vai para o seu aposento, encontra-o fechado; o companheiro lá estava *dormindo*.

Bate uma, bate duas vezes, ninguém lhe responde; assim em cada um dos aposentos.

Lembra-se, então, de ceiar; risca um phosphoro, acende uma vela e chega á salla das refeições.

Ahí o que se lhe depára?

A meza sem um pedacito de pão, ou de qualquer outro comestível; os bules, as cafeteiras emborcadas, comprovando assim que se achavam completamente vazias.

O *Soiza* comprehendeu então, que tinha sido *logrado*, que havia sido mais uma vez *victimado* (como se exprimia), de uma nova pirraça de seus companheiros.

Batendo com todas as forças na meza, gritou, cheio de colera:

— *Vocês são uns CÔES, comeram todos os PÕES e deixaram ninguém sem ceia!*

De todos os aposentos estrugiu uma estrepitosa gargalhada, seguida de uma *salva* de palmas! As portas abriram-se, as velas acenderam-se, tudo como que por encanto, immediatamente como se tivesse sido previamente preparado ou combinado pelos companheiros do *Soiza*, os quaes, *uma voce*, proromperam em gritos: — *Eureka! Eureka! Cães!, cães! cães!*

E todos correram a abraçá-lo por... haver dado, naquella noite que lhes ficou memoravel, a desejada conclusão do *Diccionario*.

E o *Soiza*, todo sorriso, á vista daquella inesperada, mas espontanea *manifestação de apreço*, ficou *desarmado*, voltando ás boas.

(Do *Mosaico Cearense*)

J. Baptista Perdigão de Oliveira.

(Da Sociedade de Historia e Geographia do Ceará)

VINHETA

A Igreja é um rochêdo e o mundo um mar revólto que lhe bate s fraças: o mar seccará, mas o rochêdo ficará de pé! — GERMANO GARATUJA.

O apostropho em acção

E' hoje doutrina grammatical corrente e accete, e sem duvida a melhor, que se deve supprimir o apostropho nas contracções: *num, numa, etc.*

Nós mesmo, consoante o uso contemporaneo, já escrevemos: *n'um*, primeiramente; depois: *'num* e hoje escrevemos *num*, porquê (como mui judiciosamente alvitaram os srs. philologos), si se não usa o apostropho em *no, na*, que são fórmulas contractas de *em o, em a*, tambem se o não deve empregar nas contracções de *em um, em uma, etc...*

Muito logica e incontestavel esta doutrina: há, porventura, quem se lhe opponha?

Mas já não vemos as mesmas razões para a omissão do apostropho nas citações de nomes de livros, jornaes, etc., precedidos dos artigos definitos *o, a*, ou indefinitos *um, uma, etc...*

Elucidêmos a questão: sabemos que é improprio, fóra do caso de que nos vamos occupar, o escrever-se: *d'o, d'a, etc.*, porque nunca se usaram assim essas fórmulas, comquanto o pudessem, (antigamente) com mais razões ainda, em vista das fórmulas coévas *n'um, n'uma, etc.*, porisso que *do, da*, são contracções de *de o, de a, etc.*, e «tanto direito tinham ao apostropho como aquellas»; mas, nas citações a que nos referimos, parece-nos que em nada faria mal o emprego do apostropho, preferivel, com a fórmula que lhe corresponde, á sua omissão, além de nos mostrar perfeita a fórmula graphica dos títulos.

Assim diremos: D' «Os Sertões» (livro), D' «A Noite» (jornal) etc. ou melhormente em italico: *d' Os Sertões, d' A Noite, etc.*; e não: Dos Os Sertões, Da A Noite, o que nos parece feio e até... escusado, comquanto haja opiniões valiosissimas em contrario: feio, porque soaria mal esse: *dos os, da a, etc.*, e escusado porque ninguem, falando, dirá: *dos os Sertões, da a Noite, etc.*, duplicando o artigo, e sim *dos Sertões, da Noite, etc.*, o que sobretudo, está mais consoante á lei do menor esforço...

Como se vê—no mesmo caso estão as referencias: a «A Noite», os «Os Sertões», etc., nas quaes se poderia evitar, tambem, a duplicidade do artigo, escrevendo simplesmente: «A Noite», «Os Sertões,» etc, ou melhor: *a Noite, os Sertões, etc.*

Para que essa duplicidade de artigo, desnecessaria?

Sempre usámos e continuaremos a usar a fórmula que ora defendemos, porque a julgamos preferivel...

Doutor da roça

VINHETA

Quando censurámos os defeitos dos outros esquecemo-nos de que estamos diante de um espelho a vê os proprios...—GERMANO GARATUJA.

Historia Universal

PELO Dr. Raymundo Francisco Ribeiro

Lente da Faculdade de Direito do Ceará

(Continuação da edição de Fevereiro)

SUMMARIO: I—Grecia—A região e o povo. II—O culto. Instituições e leis de Sparta. III—Idem de Athenas. IV—A arte militar. dos gregos. V—Guerra dos gregos com os persas. VI—Idem entre si. VII—Causas e consequencias dessas guerras.

A attitude de
Cyro, o
moço

Cyro, o moço, melhor conhecedor de Callicratidas, enviou-lhe abundantes soccorros.

Os athenienses organisaram uma frota que, mandada em soccorro de Conon, derrotou nas ilhas Argemiras (perto de Epheso) a frota sparciata, morrendo na acção (406) o proprio Callicratidas.

Uma parte da frota atheniense foi enviada contra a que assediava Conon em Lesbos e o resto foi não só em soccorro de navios athenienses damnificados como tambem para sepultar os mortos.

A primeira esquadra chegou a Mytelene quando a esquadra sparciata já se tinha posto ao largo (406), e a outra, impedida por uma tempestade, de cumprir a sua missão, voltou a Samos.

Reacção
inefficaç
dosathe-
nienses.
Cruelda-
des sub-
sequen-
tes.

Chegando a noticia desses factos a Athenas, os generaes foram accusados de sacrilegio e 6 delles condemnados a morte, sem embaraço dos protestos de Socrates.

Volta de
Lysand.
águerra.
Sua vic-
toria no
Helles-
ponto,
deshon-
rada por
sua des-
humani-
dade.

A derrota dos sparciatas nas ilhas Argemiras lhes fez sentir a necessidade de Lysandro, que reapareceu á frente de uma frota, armado de seus soldados e rico dos subsidios fornecidos por Cyro, o moço.

Dirigiu-se para o Hellesponto com o fim de medir suas forças com as dos athenienses que, advertidos do perigo por Alcebiades, a isto não deram maior attenção.

A frota atheniense, surprehendida em Egos-Potamos, foi destroçada.

Tres mil prisioneiros foram degolados por ordem do vencedor entre os quaes Philocteto.

Perda
dasupre-
maciade
Athenas

Foi assim que Athenas perdeu o dominio dos mares que ella tinha conservado durante 72 annos.

Perda do
domi-
nio dos
mares.
Defesa

Seus alliados se apressaram em se submetter a Sparta; alguns que nisso hesitaram foram constrangidos pela força.

A guarnição laconica de Decelia veio assediar Athenas,

diante da qual chegou Lysandro (404) com a sua frota, e em todo o orgulho de sua victoria.

heroica
dos a-
thenien-
ses.

Durante 6 mezes, os athenienses se defenderam com inexprimivel valor; mas mesmo entre elles não havia paz; Theramenes e os restos do partido dos 400 pensavam antes em restaurar a aristocracia do que em salvar a patria.

Os alliados do Poleponeso queriam que a cidade fosse arrasada até as fundações; Sparta concedeu condições nos termos das quaes as fortificações de Pireu e as muralhas que o uniam a Athenas fossem demolidas; os vencidos deveriam entregar aos vencedores todas as suas galeras á excepção de 8; renunciar suas pretensões sobre as demais cidades; revogar o exilio dos partidarios da aristocracia; marchar como sequazes de Sparta em toda guerra na offensiva ou defensiva e receber della sua fórma de governo.

Interven-
ção be-
nêficate
Sparta,

Com a guerra do Peloponeso acabou-se a grandeza de Athenas.

Depois de tê-la desmantelado, Lysandro estabelece nella um governo de 30 olygarchas, conhecidos na Historia por 30 tyrannos, que tinham plena autoridade sobre a vida de seus cidadãos.

Olygar-
chia em
Athenas

Protegidos pelo guarnição spartana, os 30 tyrannos, a cuja frente estava Citiar, discipulo de Sócrates, começaram suas perseguições: o exilio ou a morte aguardava todo aquelle que tivesse reputação de virtude ou riqueza.

Os cidadãos foram desarmados; o Areopago deveria renunciar, ao dote secreto, a sua maior garantia.

Theramenes, um dos 30, procurou oppôr-se aos excessos de seus collegas; custou-lhe a condemnação á morte, que elle soffreu com coragem e nobreza.

Em nome de Sparta os 30 tyrannos publicaram um decreto ameaçando todo aquelle que desse asylo aos banidos de Athenas; mas os cidadãos, longe de obedecerem a essa ordem barbara, os acolheram benevolamente.

Essa vontade dos tyrannos constrangeu Alcebiades a deixar o seu retiro na Thracia e a refugiar-se junto a Pharnabaso, satrápa da Phrygia; este, instigado por Lysandro, mandou prender por soldados áquelle, que morreu defendendo-se.

Tanta tyrannia, sempre crescente, esgotou a paciencia. Por outro lado a dominação orgulhosa de Lysandro tinha alienado em Sparta meritos notaveis.

Os banidos entretinham intelligencia em Athenas. Tinham por chefe Trasybulo, tão bravo capitão na guerra quão cidadão justo na paz.

Seguido de 70 companheiros resolutos apoderou se do

Trasy-
bulo.
Seu pa-
triotis-
mo.

* forte de Pylos nos confins dos Attlas e da Beocia (403).

Ahi reuniu os descontentes, aos quaes juntou-se um reforço de 500 homens, que enviou-lhe o orador syracusano Lysias, desejoso de vingar um irmão morto por ordem dos 30 tyrannos e de defender a patria da eloquencia.

Trasybulo aguerria o seu punhado de rebeldes em pequenas victorias, e, comquanto os 30 tyrannos houvessem redobrado de vigilancia e vigor, Trasybulo e os seus apoderaram se do Pireu (402).

Pausanias.
Sua politica de paz e concórdia.

Lysandro marchava em favor dos oppressores quando foi preso por ordem de Pausanias, rei de Sparta, apiedado dos soffrimentos de Athenas, tanto quanto desejoso de desembaraçar-se do orgulhoso general.

Pausanias consentiu em tratar com os athenienses e a revolução concluiu-se sem mais effusão de sangue; os proprios tyranos tiveram a vida salva.

Foi proclamada uma amnystia geral; a divida publica, contrahida pelo governo precedente, foi reconhecida, medida que importou mais uma prova dos sentimentos de justiça de Trasybulo, e muito concorreu para firmar a paz; restaurou-se a lei que cominava o confisco e a pena capital contra todo aquelle que exercesse a magistratura sob um governo contrario á constituição democratica; o assassino de qualquer tyranno foi declarado inviolavel e todos prometteram, sob juramento, dar a morte aos inimigos da democracia; emfim o governo de Solon foi restabelecido.

Ultimas consequencias das guerras do Peloponneso.

Mas não ha felicidade completa: quando Athenas voltava ao goso da paz, em 400, morreu com 70 annos de idade condemnado a beber cicuta, Socrates, que, além de haver elevado o nome de Athenas, sua patria, nos campos das batalhas, salvou a vida de Alcebiades e Xenefontes, e honrou a philosophia, de que foi eminente cultor.

A decadencia de Athenas, por um lado, deu, por outro, logar a supremacia de Sparta, sua rival. em toda Grecia.

VIÑHETA

As lagrimas quando não são fingidas exprimem sempre um sentimento de pesar ou dôr sincera; ao passo que a alegria que, ás vezes, nos aflóra aos labios nem sempre é verdadeira.— *Germano Garatuja.*

VIDA ESCOLAR

Literatura Infantil

Espirito Santo... de orelha

Armindo era muito atrazado em arithmetica. Com difficuldade sommava dois numeros simples. Era preciso contar mos dedos ou riscar na pedra cada numero que ia enunciando até obter o total reclamado.

O mestre inventou um exercicio para a classe de Armindo esperando disso alguma probabilidade de adiantamento deste.

No dia seguinte apresentam-se todos com seus cadernos e como a classe era muito grande, maior sendo a tarefa do professor em rever todos os deveres, teve este a idéa de mandar reproduzir o trabalho no quadro preto, fazendo, um por um, os exercicios que se iam succedendo e verificando, os alumnos, cadernos trocados entre os mesmos, as operações feitas.

Em meio da lição já era notado grande numero de erros nos cadernos dos mais adiantados.

Armindo estava na ponta! Nem um erro! Que cousa admiravel! Pois Armindo... que nem sabia sommar!..

—A' pedra, sr. Armindo, ordenou-lhe o professor. Armindo embatucou. Não escreveu siquer o resultado anterior, do qual dependia a operação seguinte. Mostrava-se absolutamente extranho ao que se passava.

No julgamento das provas tirou Armindo um grau muito inferior. Deu isto motivo a uma reclamação de sua querida mamãe:—Como era que um trabalho sem nenhum erro tinha merecido grau tão baixo? Que grande injustiça!...

O caso scandalisou, tambem, ao pae que pessoalmente veio ao collegio pedir explicações. E quem as deu foi o proprio Armindo que, perante o pae, novamente chamado á pedra, deu prova inconcussa de que não fôra elle o autor do trabalho, mas sua bôa irmanzinha, em paga das muitas viagens que deu Armindo ás lojas, naquelle dia, para comprar-lhe bicos e rendas.

—Que bom *Espirito Santo... de orelha* a irmanzinha de Armindo! Que pena não ter pennas!

J. Nogueira.

(Das «Impressões de um mestre-escola».)

PHRASES LITERARIAS

NON POSSUMUS

Estas palavras dignas foram pronunciadas por S. Pedro e têm sido, depois disso, proferidas tantas vezes, para significar a impossibilidade da pratica de um acto, uma recusa formal sobre o que se não deve fazer, uma negação decisiva a respeito de qualquer exigencia.

Rareiam nos tempos presentes as temperas inamolgaveis dos espiritos inteiriços.

Difficilmente se encontram caracteres rijos que, á semelhança das rochas e penedias do oceano, não se abalam nem estremecem ao doudo estrepidar das vagas bravias e soltas do mar das conveniencias subalternas.

Falta já hoje esta coragem que tanto ennobrece, eleva e recommenda o homem e que, sempre intrepida, ri nos seus labios na hora de maior perigo e, mansa, dormita no fundo do peito durante os instantes tranquillos de sua vida.

Quantos juizes ainda restam que, ante a tentativa de um suborno por parte da gente que impõe, que pode e que manda, respondem com a altiva e nobre phrase do pobre pescador da Galiléa?!

Quantos mercadores, aos afagos da fortuna facil e ás caricias dos processos rapidos de enricar, respondem com a voz da consciencia ás tentações malignas, repetindo a famosa recusa do humilde apostolo: *não podemos!*

Todo homem, para ser considerado «homem de bem» precisa ter a conducta verticalmente recta, precisa possuir o dominio de si mesmo, voltando costas ás miserias de que se vê cercado e proferindo com altivez, ante cada exigente sollicitação iniqua, o *non possumos* do discipulo de Jesus.

ANDRADE FURTADO

Prof. do Instituto.

COUSAS HISTORICAS

SUPPLICIO DE GUATIMOZIN

Guatimozin, ultimo imperador indiano do Mexico, empenhou-se fortemente em luta aberta contra Cortez, desapiadado official hespanhol, encarregado da conquista daquella parte da livre America. Cahindo nas mãos do implacavel capitão, foi

trucidado, soffrendo torturas crudelissimas antes de subir os batentes da forca.

Para indigitar suppostos thesouros occultos, Cortez, cujos serviços militares e valiosos trabalhos scientificos não encobrem suas atrocidades e malvadezas, ordenou que o deitassem num leito de brazas accêsas.

Os soffrimentos deviam obrigar-o a indicar suas riquezas ignoradas. Mas, como um stoico, cheio de abnegação, valor e serenidade, soffria o heroe a angustia do seu martyrio, sem inúteis lastimações e sem um gemido de fraqueza.

Ao lado de Guatimozin, supportava o rigor da mesma pena seu primeiro ministro que o fitava com um supplice e dorido olhar, pedindo allivio ás dores em que todo se consumia. O valoroso imperador olha-o reprehensivamente e em tom energico perguntou-lhe: «Estou eu, por ventura, em meu leito de rosas?»

Estas vibrantes e historicas palavras que a historia enthezourou, servem para fazer significar a quem allega vexames e maguas, que iguaes torturas, riscos e responsabilidades soffrem as victimas de um insuccesso commum.

LIVIO BELLART
Prof. do Instituto.

MINHA FILHA

Visão do desespero, visão triste
Que dominas minha alma combalida...
Se só em dores meu viver consiste,
Um laço há forte que me prende á vida.

Em faixas inda envolto, um anjo existe
Que um anjo me deixou; e a fé trahida
Será, de meu amor, se não resiste
Minhalma acobardada, enfraquecida.

E' preciso luctar. Eia! Coragem!
Já não tem mãe a filha idolatrada;
Não role o pae na mais fatal voragem.

E' preciso luctar; vencer a morte...
Se os pés sangrarem na cruel jornada,
De minha filha, um gesto me conforte.

Março de 1909.

Od. Castello Branco

Do «Album de Odorina.»

Estados do Brasil

Nesta *Revista*, em o numero de Setembro do anno afrazado, publicámos este interessante trabalho que agora reeditamos, mais ampliado, para estudo completo do assumpto.

São comparações feitas entre os Estados do Brazil—um verdadeiro estudo que abrange conhecimentos sobre politica, posição astronomica, situação, população, superficie, extensões, altitudes, limites, etc., etc., dos Estados.

De entre os alumnos que têm contribuido para o avultado numero de questões que abaixo propomos, salienta-se o pequeno ROMULO SOARES, a quem damos exclusivamente a autoria das mesmas, onde entramos simplesmente com o trabalho de compendial-as.

Que pontos de analogia ha entre os Estados de:

- 1—Amazonas e Pará?
- 2—Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará e Rio G. do Norte?
- 3—Amazonas, Pará, Matto-Grosso e Bahia?
- 4—Amazonas, Pará, Goyaz, M. Geraes, S. Paulo e Paraná?
- 5—Amazonas e T. do Acre?
- 6—Amazonas e M. Grosso?
- 7—Amazonas, M. Grosso e Pará?
- 8—Amazonas, M. Grosso, Goyaz e Maranhão?
- 9—Amazonas, M. Grosso, Goyaz e Bahia?
- 10—Amazonas, M. Grosso, Goyaz e M. Geraes?
- 11—Amazonas, Piauí, R. G. do Norte, Sergipe, E. Santo, Paraná, Santa Catharina, Goyaz e M. Grosso?
- 12—Amazonas, Parahyba, e R. G. do Sul?
- 13—Pará, Amazonas, T. do Acre, M. Grosso, Paraná, Santa Catharina e R. G. do Sul?
- 14—Pará e Maranhão?
- 15—Pará, Maranhão e Goyaz?
- 16—Pará, Maranhão, Goyaz, M. Geraes, S. Paulo e Paraná?
- 17—Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, M. Geraes e M. Grosso?
- 18—Pará, Piauí, Pernambuco, Alagôas, Santa Catharina, M. Geraes e Goyaz?
- 19—Pará, M. Grosso, Paraná, Santa Catharina e R. G. do Sul?
- 20—Pará, M. Grosso e T. do Acre?
- 21—Pará, Goyaz e Piauí?
- 22—Pará e Bahia?
- 23—Pará, Bahia e R. de Janeiro?
- 24—Pará, Pernambuco, Alagôas, Bahia, S. Paulo, M. Geraes e Goyaz?
- 25—Maranhão, Piauí, Bahia, Minas Geraes e Rio de Janeiro?

- 26 - Maranhão, Ceará, Parahyba, Bahia, S. Paulo e R. G. do Sul?
- 27 - Maranhão, E. Santo e Santa Catharina?
- 28 - Maranhão, Goyaz, Bahia, Pernambuco e Ceará?
- 29 - Piauhy, Pernambuco, Parahyba e Rio G. do Norte?
- 30 - Piauhy, S. Paulo e Paraná?
- 31 - Ceará, Rio G. do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe e Bahia?
- 32 - Ceará, Rio G. do Norte, Parahyba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe e E. Santo?
- 33 - Ceará, R. G. do Norte, Parahyba e Pernambuco?
- 34 - Ceará e Parahyba?
- 35 - Ceará e Bahia?
- 36 - Ceará e Districto Federal?
- 37 - Rio G. do Norte, Parahyba, Pernambuco e Alagôas?
- 38 - Rio G. do Norte, Ceará e Pernambuco?
- 39 - Rio G. do Norte, Rio de Janeiro e Paraná?
- 40 - Rio G. do Norte e Paraná?
- 41 - Parahyba, Ceará, Piauhy, Bahia e Alagôas?
- 42 - Parahyba, Goyaz e S. Paulo?
- 43 - Pernambuco, Bahia e Sergipe?
- 44 - Pernambuco e Rio de Janeiro?
- 45 - Alagôas, Sergipe, Pernambuco, Bahia e M. Geraes?
- 46 - Alagôas, Sergipe e Goyaz?
- 47 - Alagôas, Sergipe, Bahia, Piauhy, Goyaz, M. Grosso, Amazonas e T. do Acre?
- 48 - Alagôas e Bahia?
- 49 - Sergipe e E. Santo?
- 50 - Sergipe, Alagôas, Pernambuco, Piauhy, Goyaz, M. Geraes e E. Santo?
- 51 - Bahia, E. Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo e Goyaz?
- 52 - Bahia, M. Geraes, Goyaz e M. Grosso?
- 53 - Bahia, M. Geraes e R. de Janeiro?
- 54 - Bahia e S. Paulo?
- 55 - E. Santo, M. Geraes e S. Paulo?
- 56 - E. Santo, M. Geraes, S. Paulo e Matto Grosso?
- 57 - Rio de Janeiro, M. Geraes e S. Paulo?
- 58 - R. de Janeiro, M. Geraes, Goyaz, M. Grosso e Paraná?
- 59 - S. Paulo, Paraná e M. Grosso?
- 60 - S. Paulo, M. Grosso e S. Catharina?
- 61 - S. Paulo e R. G. do Sul?
- 62 - Paraná e R. G. do Sul?

- 63—M. Geraes, Paraná e S. Paulo?
 64—M. Geraes, S. Paulo, Goyaz, M. Grosso e Paraná?
 65—Minas Geraes, Goyaz, M. Grosso, S. Paulo, Paraná, S. Catharina e R. Grande do Sul?

HISTORIA DO BRASIL

Governadores Geraes

SÉDE DO GOVERNO NA BAHIA

(Vicente S. de P. Lemos)

(Conclusão)

36º Conde de Castel-Melhor, Pedro de Vasconcellos e Souza. Succedeu a d. Lourenço no dia 14 do mez e anno já mencionados, deixando o governo a 13 de Junho ho de 1714.

37º Marquez de Angeja, d. Pedro Antonio de Noronha. Empossou-se a 13 de junho de 1714 e deixou o governo a 21 de agosto de 1719. Foi o 3º vice-rei do Brazil, depois de ter egual dignidade na India. Fez lançar ao mar a maior náó construida no arsenal da Bahia, que se chamou «Padre Eterno».

38º D. Sancho Faro e Souza, de origem real e Conde de Vimioso por mercê de d. João V. Tomou posse em 21 de agosto de 1719 e morreu no mesmo anno, substituindo-o no governo por successão: **d. Sebastião da Vide,** arcebispo; **João de Araujo Azevedo,** mestre de campo mais antigo, e **Caetano de Britto Menezes,** ouvidor geral do crime.

39º Vasco Fernandes Cezar de Menezes, que teve o titulo de 1º conde de Sabugosa em 1729. Empossou-se a 23 de novembro de 1720 e governou até 11 de maio de 1735. Quarto vice-rei do Brazil, depois de haver exercido egual cargo na India. Era filho de Luiz de Menezes, trigesimo quarto governador do Brazil, e sobrinho de d. João de Lencastro, trigesimo segundo governador. Creou em seu palacio uma academia litteraria com o nome de Academia Brazilica dos Esquecidos.

40º D. André de Mello e Castro, conde das Galveas, 5º vice-rei do Brazil. Assumiu o governo em 11 de maio de 1735 e deixou-o em 1749.

41º D. Luiz Pedro Peregrino de Carvalho, conde de Atouguia, 6º vice-rei do Brazil. Governou de 16 de dezembro de 1749 a 7 de agosto de 1755. No seu tempo creou-se a Relação do Rio de Janeiro e se começou a cunhar moeda no Brazil. In-

stou pela sua demissão e, voltando a Lisboa, foi pouco depois decapitado pela conjuração dos Tavoras. Governaram por sucessão: **D. José Botelho de Mattos**, arcebispo, **Manoel Antonio da Cunha Souto Maior**, chanceller e provedor da fazenda real, e **Lourenço Monteiro**, coronel do 2º regimento.

42º D Marcos de Noronha, 6º conde dos Arcos e 7º vice-rei do Brazil. Tomou posse a 23 de dezembro de 1755 e esteve até 9 de janeiro de 1760.

43º D. Antonio de Almeida Soares Portugal, conde de Avintes e do Lavradio, 8º vice-rei. Empossado a 9 de janeiro de 1760, falleceu a 4 de junho do mesmo anno n'uma fazenda situada no campo de Nazareth. Havia sido governador de Angola. A Camara, a Relação e o Clero nomearam para o substituir: **Thomaz Ribeiro de Barros Barreto**, chanceller. A metropole, porém, desapprovou a escolha e nomeou: **José de Carvalho Andrade**, chanceller, e **Gonçalo Xavier de Barros e Alvim**, coronel, que tomaram posse em 21 de junho de 1761, unindo-se-lhes depois o novo arcebispp, **D. Fr. Manoel de Santa Ignez**, eleito a 20 de julho de 1762.

44º D. Antonio Alvaro da Cunha, conde da Cunha, nono vice-rei, empossado em 25 de março de 1763.

Mudou-se o governo para o Rio de Janeiro e d'ahi em deanté foi o Estado do Brazil governado pelos vice-reis, que antes tinham de tirocinio o governo da Bahia. Para ali seguiu o conde da Cunha, e durante o seu governo creou os arsenaes de marinha e guerra.

SÉDE DO GOVERNO NO RIO DE JANEIRO

45º Conde de Azambuja, d. Antonio Rolim de Menezes, decimo vice-rei. Assumiu o governo a 4 de novembro de 1767.

46º Marquez do Lavradio, d. Luiz de Almeida Portugal Mascarenhas, decimo primeiro vice-rei. Sua posse teve logar a 4 de novembro de 1769.

47º Luiz de Vasconcellos e Souza, decimo segundo vice-rei em 1779.

48º Conde de Rezende, d. José de Castro, decimo terceiro vice-rei, em 1790.

Achada do grande diamante de Portugal, no arroio de A-baeté.

49º Fernando José de Portugal, marquez de Aguiar. Tomou posse a 14 de outubro de 1801. Decimo quarto vice-rei.

50º Marcos de Noronha e Britto, 8º conde dos Arcos, decimo quinto vice-rei. Conceituado pelo seu discreto governo do Pará, desde o fim do anno de 1803, foi nomeado a 15 de

agosto de 1805 para succeder a d. Fernando na Bahia e assumiu o cargo em 1806, governando até a chegada de el-rei d. João VI ao Brazil a 7 de março de 1808.

Elevado o Brazil á categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves por decreto de 16 de dezembro de 1815 e tornando d. João a Portugal em 26 de abril de 1821, nomeou regente a d. Pedro, que a 7 de setembro de 1822 proclamou a independencia do Brazil.

Lições progressivas de desenho

9.^a LIÇÃO

LINHAS CURVAS

1.^a—Traçar linhas curvas em direcções differentes.

No traçado destas linhas deve o Professor estudar com o alumno a direcção das aberturas das curvas, do modo seguinte:

- a) abertura para cima
- b) idem para baixo
- c) idem para a direita
- d) idem para a esquerda
- e) idem para a direita alta
- f) idem para a direita baixa
- g) idem para a esquerda alta
- h) idem para a esquerda baixa.

Um vaso qualquer, um pires, por exemplo, dá perfeita idéa de uma linha curva, e, conforme as posições que se lhe dêr, — *assentado*, *emborcado* ou *inclinado*, ficará o alumno bem certo das differentes direcções das aberturas das curvas.

Ainda deve o Professor chamar a attenção do alumno para a direcção da abertura da linha curva, isto é, si a abertura está virada para elle ou contra elle. No 1.^o caso o alumno (observador) vê o interior da curva ou a sua concavidade; d'ahi chamar-se *linha curva concava*. No 2.^o caso o alumno não vê o interior da curva, só vê o lado contrario, isto é, a sua convexidade; d'ahi o nome de *linha curva convexa*.

10.^a LIÇÃO

COMBINAÇÃO DE LINHAS CURVAS

1.^a—Fazer differentes combinações com duas curvas, formando angulos differentes.

Para verdadeira execução dessas combinações, mencione, primeiramente, o Professor, as curvas, conforme se acham classificadas as direcções das mesmas na lição precedente.

Antes de passar á outra lição indague o professor, do alumno, sobre a natureza dos angulos formados com as linhas curvas: *angulos curvilineos concavos*, *angulos curvilineos convexos* e *angulos curvilineos concavo-convexos*.

Dê ainda ou peça exemplos graphicos de objectos com esta fórma, como: a ponta de uma lança, o bico do papagaio, as ogivas das janellas, etc.

- 2.^o—Formar linhas *sinuosas* ou *meandricas* em sentidos diferentes.

Estas linhas são formadas de linhas curvas mais ou menos regulares, alternativamente convexas e concavas. Ex: uma cobra em movimento, as curvas de um rio, a letra S, etc. Ao logar onde a curva muda de direcção dá-se o nome de *ponto de inflexão*.

- 3.^o—Em torno de um ponto traçar uma curva que se desvie delle sempre progressivamente.

E' uma *espiral* o que desejamos que o alumno trace no quadro preto e depois em seu caderno, bastando conhecer que ao ponto de partida das curvas se dá o nome de *polo da espiral*, á circumferencia (curva completa) *olho da espiral*, a cada volta, *espira*, cada uma com o seu *centro*.

Cumpra ao Professor a explicação graphica de todos estes elementos da espiral, chamando a atenção do alumno para certos objectos com esta fórma.



SOLUÇÃO

do problema intitulado **Extraordinaria multiplicação** do Almanach de Bertrand para 1914, pag. 203, proposto aos nossos leitores á pag. 27 da *Revista* de Fevereiro p. passado.

Esta extraordinaria multiplicação é a do numero 144 pelo mesmo numero 144:

$$\begin{array}{r} 144 \\ 144 \\ \hline 576 \\ 576 \\ 144 \\ \hline 20736 \end{array}$$

Verificam-se, com effeito, as seguintes curiosas coincidencias, de accordo com as condições impostas no enunciado do problema:

1.^o O multiplicando 144 é um numero de tres algarismos. O multiplicador 144 é igual ao multiplicando. O producto 20736 é, portanto, um quadrado perfeito.

2.^o O multiplicando 144 é o quadrado de 12; o multiplicador 144, tambem.

3.^o Cada um dos tres productos parciais é um quadrado perfeito. O primeiro producto parcial 576 é o quadrado de 24. O segundo producto parcial é o mesmo 576: é tambem um quadrado perfeito. O terceiro

producto parcial 144 é o quadrado de 12. A somma destes tres productos parciaes é 1296 :

$$\begin{array}{r} 576 \\ 576 \\ 144 \\ \hline 1296 \end{array}$$

Esta somma 1296 é o quadrado de 36.

4º O producto da multiplicação é o numero 20736. Este producto é formado de cinco algarismos diferentes entre si.

5º O falso producto era o numero 51984. Este falso producto é formado de cinco algarismos diferentes entre si. Estes cinco algarismos são differentes dos do producto verdadeiro. Dahi segue-se que, nos dois productos, havia os dez algarismos da nossa numeração.

6º O falso producto 51984 é um quadrado perfeito: é o quadrado do numero 228.

7º O algarismo da esquerda do falso producto é 5.

CONCLUSÃO:

Na solução que apresentamos, estão satisfeitas todas condições e exigencias do enunciado do problema.

Arthur Thiré

(Livre Docente da Escola Polytechnica de Rio de Janeiro)

Damos a seguir dois outros interessantes problemas, extrahidos do mesmo Almanach de Bertrand, á pag. 199.

Problemas Arithmeticos:

1º Achar um numero de 4 algarismos igual ao quadrado do numero formado pelos seus dois ultimos algarismos.

2º Achar um numero inteiro x tal que a somma dos x primeiros numeros inteiros se componha de tres algarismos iguaes.

CHRONOLOGIA

EPHEMERIDES

(Notas dos alumnos, colhidas da imprensa)

Fevereiro

MUNDIAES

4—Revolução no Perú, sendo deposto o presidente Billinghamst, assassinado o ministro da guerra e presos os demais ministros.

NACIONAES

7—Fallece no Rio o jornalista Figueiredo Pimentel, redactor da «Gazeta de Noticias».

17—São presos na Capital Federal o cel. Gomes de Castro e o capm. de mar e guerra Fonseca Neves.

27—Pavoroso incendio devorou as livrarias Leuzinger e Gomes Pereira, no Rio de Janeiro, á rua do Ouvidor.

28—Incendio da Casa Laport, no Rio de Janeiro.

CEARENSES

1—Chegam a esta capital a bordo do paquete nacional *Olinda* a 3ª e 4ª Companhias Isoladas de Caçadores, que estacionavam em Rio G. do Norte e Parahyba, bem como um contingente do 49º Batalhão de infantaria de Pernambuco

A 3ª Companhia compõe-se de 192 praças e 8 officiaes; a 4ª Companhia, de 5 officiaes e 189 praças; o 49º de quatro officiaes e 146 praças.

—Posse da nova directoria da so-

cidade Economica Caixeiral, assim constituída:

Presidente, Antonio d'Araujo Vianna; vice-presidente, Manoel Rola; thesoureiro, Ignacio Parente; 2.º thesoureiro, Eleuterio Marcos; secretario, Oscar Vianna; directores Alvaro Weyne, Vicente Roque e João Bezerra Lima.

2—Installação da Assembleia Legislativa Estadual, convocada extraordinariamente pelo Governo do Estado.

3—Fallece nesta capital o dr. Waldemiro Cavalcante.

—A bordo do paquete nacional *Maranhão* chega a 1.ª Companhia Isolada de Caçadores, composta de um effectivo de 4 officiaes e 91 praças.

—Segue para Iguatú, como commandante das forças do Governo do Estado, o capm. J. da Penha.

4—Grande reunião de commerciantes desta capital, nacionaes e estrangeiros, na Associação Commercial, afim de reclamar do Governo Federal providencias sobre os acontecimentos revolucionarios do Ceará.

8—Conferencia do sr. Renato Vianna, sobre «Progresso e Civilização» na séde do «Centro Artistico Cearense», que commemora o 10.º anniversario de sua fundação.

—Eleição da directoria da Sociedade B. Portuguesa «Dois de Fevereiro».

9—Em commemoração do 1.º anniversario de sua fundação, realiza a «Padaria Literaria» uma sessão solemne, com o comparecimento da maioria dos seus associados.

—Deixa o commando das forças federaes estacionadas nesta capital e segue para o Recife o major Candido Borges Castello Branco.

10—Embarca para o Rio de Janeiro o general Lino de Oliveira Ramos, inspector desta região militar.

—Vindo de S. Luiz do Maranhão chega a esta capital a bordo do «Bahia» o tenente-coronel Arthur Adacto Pereira de Mello, que toma posse do commando das forças desta guarnição.

—A bordo do «Bahia» chega do Norte um contingente de 200 praças e oito officiaes do 48.º batalhão de Caçadores.

12—Parada, á praça de Pelotas, de todas as forças do Exercito estacionadas nesta capital.

13—De seu passeio a Europa regressam a esta capital os capms. drs. Maximino Barreto e Thebano Barreto.

14—Inauguração dos bonds de tração electrica da linha do Outeiro.

—Conferencia de frei Marcellino de Milão sobre «Moral sem Deus» na séde do Circulo Catholico.

15—Reapparece o «Unitario» com o n.º 1631.

18—A bordo, do paquete nacional «Acre» chega da Capital Federal o cel. Fernando Setembrino de Carvalho, tendo recebido do povo cearense imponente manifestação.

—Assume as funcções de inspector agricola do 5.º districto com séde nesta capital o dr. José Eurico Dias Martins.

21—Surge em Sobral o *Gremio*, orgão do Gremio Recreativo Sobralense, tem por lemma: «*Labor omnia vincit*».

22—Encarniçado combate entre as forças legaes e os sediciosos, em Miguel Calmon, sendo morto o capm. José da Penha.

—Parte desta capital para o interior um contingente de 50 praças da 1.ª Companhia Isolada de Caçadores, commandado por dois officiaes, afim de garantir o trafego da Estrada de Ferro.

25—O Presidente do Estado envia ao Governo Federal um telegramma de protesto contra as medidas tomadas pela guarnição federal.

—O Presidente do Estado responde a um telegramma que lhe foi enviado pelo cel. Thomaz Cavalcante, em nome da Representação Cearense, propondo a renuncia dos presidentes e vice-presidentes do Ceará e dos membros das Assembléas Legislativas de ambos os partidos.

28—Conflictos nesta capital entre dois inglezes e alguns exaltados.

—Expedição de patriotas para Baturité.

s/d—Appello das senhoras cearenses, em telegrammas dirigidos ao exercito e á armada, afim de conseguirem do presidente da Republica a cessação dos crimes no Ceará.

Notas diversas

UM ATTESTADO HONROSO—Com íntima satisfação damos infra um trecho de uma missiva affectuosa dirigida ao nosso incansavel director pelo conhecido didacta brasileiro dr. Theodoro Sampaio.

«Não tenho palavras como enaltecer os seus trabalhos-tão uteis e tão bem comprehendidos em prol da instrucção.

Poucos no Brasil têm feito tanto e com tão segura orientação, em materia de ensino gymnasial. O modo como ahi se ensina a geographia, sciencia tão vasta, tão complexa, tão util, è muito para ser imitado nos estabelecimentos congeneres do paiz.

Eu, que tenho lidado com estudos geographicos e, por muitos annos, dirigi os trabalhos de triangulação e topographia da Comissão Geographica e Geologica de S. Paulo, dou, de experiencia propria, o testemunho de que, para se saber a geographia, só procedendo-se, no seu estudo, como no Instituto de Humanidades se procedê. Desenhando mappas, como o fez esse habil alumno, Francisco de Moraes Vieira; escrevendo lições ou preparando pequenas monographias, familiarisando-se com ellas, eis o que convem e é o que vejo, com prazer, se fazer no Instituto de Humanidades.

Acceitae, meu caro Professor, os meus sinceros parabens, por esta sua orientação no ensino da Geographia.»—TH. SAMPAIO.

BRINDE—Do nosso presado assignante sr. João Sobreira, conceituado commerciante desta praça, proprietario da «Casa Petropolis» recebemos dois mimosos brindes-reclamos da importantissima casa de F. A. Ferris and Company, de New York, constantes de uma carta topographica da Cidade New-York e de uma carta geographica dos Estados Balkanicos.

Por ora registramos simplesmente a gentileza do Sr. Sobreira, cumprindo-nos em tempo breve dar-lhe sciencia da applicação que pretendemos dar aos referidos brindes.

CORRESPONDENCIA—Accusamos o recebimento dos seguintes favores: Officio do dr. Guilherme Moreira da Rocha, communicando-nos sua nomeação em commissão e posse do cargo de director do Lyceu do Ceará, pelo exmo. sr. Cel. Setembrino de Carvalho, digno Interventor Federal neste Estado.

ERRATA IMPRESCINDIVEL

Mais um erro, muito grave, de que é bem culpado o nosso revisor, em quem se confiou o digno autor do magnifico trabalho publicado no ultimo numero da nossa Revista, sob o título—A CAPITAL DO CEARÁ.

Em vez de dar as coordenadas geographicas da capital, deu as do Estado. Tomou a *nuvem por Juno*, quando o autor lhe pedira para preencher a parte do autographo relativamente ás ditas coordenadas, que vinham em branco. De modo que é assim que se deve ler na 2.^a parte do 1.^o periodo do alludido artigo:

«E' a cidade da Fortaleza situada á beira mar, a 3.^o 43' 36" de latitude sul e a 4.^o 39' 11" de longitude oriental do Rio de Janeiro...

Estados Unidos da America do Norte

Pensionato Tutelar Brasileiro

EM MOUNT - VERNON

a melhor residencia suburbana de NEW-YORK

PREÇOS

Condições espeeiaes

Preços ajustados

Condições ordinarias

Categorias de tutelados

- 1^a categoria — residentes no pensionato central
- 2^a " — residentes em outras pensões
- 3^a " — internados em collegios

Contribuição permanente

1^a categoria 25 %; 2^a categoria 20 %; 3^a categoria 15 %—sobre as *DESPEZAS ORDINARIAS* do tutelado—as extraordinarias não são taxadas.

Além de corresponderem ás vantagens da direcção e inspecção dos tutelados e da informação aos paes, na distancia em que se acham dos filhos as condições acima, analogas áquellas que são dadas a quem inspecion, uma obra material, muito menos importante e de menos consequencias da que a obra da educação dos filhos, pode-se dizer que as porcentagens acima serão custeadas pela economia resultante da propria bôa direcção das despesas, e da assistencia dos tutelados nestas, como os encarregados timbrão em conseguir.

Joia (de uma só vez)

1^a categoria 200\$000; 2^a categoria 100\$000; 3^a categoria 50\$000.

Despezas ordinarias

Os tutelados da 1^a categoria terão, incluindo-se a commissão, uma despesa mensal, paga trimensalmente pela pensão, educação e ensino, de dolars \$97 ou sejam 300\$000.

Os da 2^a categoria, incluída a commissão, pagarão mais ou menos de dolars \$97 ou de 300\$000, conforme a classe da pensão escolhida.

Os tutelados da 3^a categoria pagarão a commissão sobre a annuidade do collegio, a qual, conforme a classe do mesmo collegio, pode ser de dolars \$1.500 ou \$1.000. ou \$750.

Despezas extraordinarias

São as de enxoval, livros, tratamento de molestias, etc. Para estas, bem como para os pagamentos trimensaes das despesas ordinarias, os Snrs. paes dos alumnos devem ter correspondentes em New-York. ou enviarem com um trimestre de antecipação, os fundos necessarios

Informações no Brazil. S. PAULO capital

Rua José Bonifacio, 7

:-:

Telephone N° 2097

1º andar com o

Dr. Rocha Bressane

Bureau Brasileiro de Educação Americana

SÉDE: STATE STREET, 17

(Junto ao Consulado Geral Brasileiro
NEW YORK-CITY-U. S. A.

INFORMAÇÕES sobre estabelecimen-
tos de ensino Americano;=====

— AGENCIAMENTO de profes-
sores, livros, material escolar e tudo
que se relaciona com a educação e o ensino,
como impressões de obras, etc.;=====

— COLLOCAÇÃO de estudantes brasileiros
e assistencia aos mesmos, em estabelecimentos
de ensino, pensionatos escolares, pensões famili-
ares, boletins de informações aos paes, etc.:

— RELATORIOS aos governos e particulares
sobre processos, methods, organização escolar
e instituições de ensino Americano;=====

— REPRESENTAÇÃO e agenciamento de ou-
tras especies de negocios, para desenvolvimen-
to das relações entre o Brazil e os Estados
Unidos da America do Norte.=====

Representante em SÃO PAULO
CAPITAL

Dr. Joaquim da Rocha Bressane

Rua José Bonifacio, 7-1º andar telephone 2097

Representante no RIO DE JANEIRO
CAPITAL FEDERAL

Dr. Arthur Thiré

Internato Pedro II, - Campo de S. Christovam

Representante no CEARA'
FORTALEZA

Joaquim da Costa Nogueira

Instituto de Humanidades

Rua Senna Madureira, 113 A